

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1998

■ FINANÇAS

Em Brasil



Cláudio Mauch

Aumenta provisão de crédito duvidoso

Mônica Izaguirre e Cíntia Sasse
de Brasília

Embora tenha atingido o seu maior nível desde novembro de 1996, a inadimplência verificada no último mês agosto (8,3%) não é capaz de arranhar a solidez do sistema financeiro, diz o diretor de Fiscalização do Banco Central, Cláudio Mauch. Ele assegura que não há motivo para preocupação porque os bancos já se tinham preparado para isso, elevando provisões para créditos de liquidação duvidosa.

"A situação não nos preocupa. Essa inadimplência não significa maior risco pois está coberta com muita folga pelas provisões", afirma o diretor.

Dados do BC indicam que o estoque de provisões existente em agosto correspondia a 12,1% do total de créditos do sistema, 3,8 pontos percentuais acima do nível de inadimplência. Mauch explicou por que a inadimplência é maior nos bancos públicos (10,5%, em relação aos 5,4% nos privados). Segundo ele, as instituições estatais têm menos flexibilidade para fazer acordos sobre multas e juros de mora, o que às vezes dificulta o recebimento.

Mauch afirma que "o sistema financeiro hoje está muito mais sólido do que em 1996 e 1997", por causa das várias medidas de caráter prudencial adotadas nos últimos anos, em especial o aumento das exigências de capital próprio. Por causa de uma determinação feita no ano passado, até o final deste ano, todos os bancos terão que manter patrimônio líquido mínimo equivalente a 11% do valor de seus ativos ponderado pelo risco.

Anteriormente, o percentual já tinha sido elevado de 8% para 10%. Segundo o diretor, o sistema está-se ajustando sem dificuldades à exigência de 11%.

Mauch destaca que, embora tenha sido muito criticado na época, o Programa de Estímulo à Reestruturação e Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) foi fundamental para que o sistema atingisse o grau de solidez que lhe permite, agora, enfrentar sem maiores dificuldade a atual crise externa e seus reflexos no Brasil.

"Estamos colhendo os frutos do que fizemos no passado", diz o diretor, para quem isso tem sido fundamental para resistir à crise. Por intermédio do Proer, o BC liberou mais de R\$ 20 bilhões em financiamentos, para que as atividades e a clientela de grandes instituições financeiras quebradas pudessem ser assumidas por outros bancos.

Mauch está convicto de que "gracias ao Proer", que controlou na origem o risco de uma crise bancária, a crise externa abalou os mercados mas não as instituições financeiras no Brasil.

Argentina

Já na Argentina o sistema financeiro deverá receber ajuda externa do Banco Mundial (Bird). Dos US\$ 3,5 bilhões anunciados na semana retrasada para apoiar o programa de ajuste daquele país, cerca de US\$ 1 bilhão será destinado a dar suporte aos bancos argentinos.

Segundo o diretor do Bird para o Brasil, Gobind Nankani, o acordo é para que o dinheiro seja utilizado para reforçar as reservas bancárias na eventualidade de uma crise no setor financeiro argentino.

Ele lembrou que, no colapso financeiro do México, há três anos, o Banco Mundial financiou cerca de US\$ 2 bilhões para ajudar as fusões e as incorporações de bancos argentinos e facilitar a privatização de instituições financeiras estatais.

O empréstimo para a Argentina deve ser aprovado pela diretoria do Bird até início de novembro, segundo Gobind Nankani. A maior parte dos recursos, no valor de US\$ 2,5 bilhões, deve ser aplicada em projetos que garantam as reformas estruturais pretendidas pelo governo argentino.